

DESENVOLVIMENTO

Relatório da consultoria Eurasia Group, com sede em Nova York, mostra que estabilidade econômica e política faz do mercado brasileiro o de melhor perspectiva de crescimento no grupo BRICs, que engloba Rússia, Índia e China

Brasil, ainda um país de futuro

VICENTE NUNES

ENVIADO ESPECIAL

Xangai — Desde outubro de 2003, quando o banco americano Goldman Sachs criou o termo BRICs, grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia e China, apontados como as futuras potências econômicas do mundo nos próximos 40 anos, consolidou-se a visão de que, dessas economias, a de menor perspectiva de crescimento era a brasileira. Pois um relatório divulgado há poucos dias pela Eurasia Group, com sede em Nova York, joga por terra essa teoria e garante: dos quatro países, é justamente o Brasil que agrega, hoje, o melhor conjunto de fatores para avançar no cenário internacional.

É essa visão que pode explicar parte da enxurrada de dólares que tem migrado atualmente para o país. A previsão é de que os investimentos estrangeiros diretos, voltados para o aumento da produção e para a geração de emprego, alcancem, neste ano, US\$ 25 bilhões, o maior volume desde 2000, quando se encerrou o período áureo das privatizações.

Anders Pettersson, presidente da Magnum Opus Consultoria, considera essa visão tão positiva do Brasil um exagero. "Mas tenho de reconhecer que a economia brasileira conjuga, sim, fundamentos muito melhores do que tinha em um passado recente", ressalta. "O governo, porém, precisa encampar rapidamente as reformas constitucionais, para que o país se torne mais competitivo na nova ordem mundial", diz Pettersson.

Educação e Previdência

Assim como o Brasil, destaca a consultoria, a democracia também dá vantagens competitivas à Índia. O problema, frisam os analistas da Eurasia, é que, a despeito dos avanços registrados pelo país nos últimos anos, seus fundamentos econômicos ainda são frágeis. Na avaliação dos especialistas, o governo indiano necessita empreender uma ampla reforma do sistema educacional, para melhorar o nível dos trabalhadores que, futuramente, entrarão no mercado de trabalho.

A Eurasia reconhece que, para muitos, o Brasil pode parecer, neste momento, uma aposta estranha, por ter registrado, nos últimos anos, taxas de crescimento econômico bem abaixo da média dos demais BRICs, ter uma carga tributária elevadíssima, próxima de 40% do Produto Interno Bruto (PIB), e por conduzir, de forma muito lenta, o processo de reformas constitucionais tão ansiado pelos investidores. "Mas as trans-

formações realizadas nos últimos anos no Brasil, com as contas externas ajustadas, saldo comercial acima de US\$ 40 bilhões por ano, expansão do crédito, inflação sob controle e risco de calote próximo de zero, pavimentaram um futuro promissor," frisa a Eurasia.

É essa visão que pode explicar parte da enxurrada de dólares que tem migrado atualmente para o país. A previsão é de que os investimentos estrangeiros diretos, voltados para o aumento da produção e para a geração de emprego, alcancem, neste ano, US\$ 25 bilhões, o maior volume desde 2000, quando se encerrou o período áureo das privatizações.

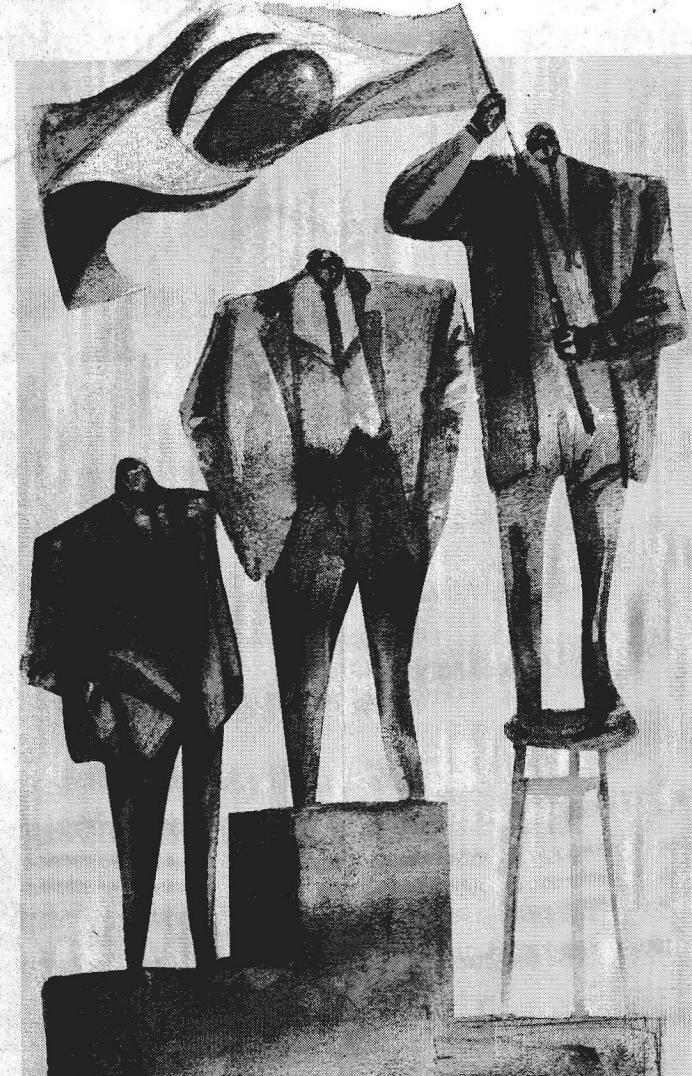
Anders Pettersson, presidente da Magnum Opus Consultoria, considera essa visão tão positiva do Brasil um exagero. "Mas tenho de reconhecer que a economia brasileira conjuga, sim, fundamentos muito melhores do que tinha em um passado recente", ressalta. "O governo, porém, precisa encampar rapidamente as reformas constitucionais, para que o país se torne mais competitivo na nova ordem mundial", diz Pettersson.

Educação e Previdência

Assim como o Brasil, destaca a consultoria, a democracia também dá vantagens competitivas à Índia. O problema, frisam os analistas da Eurasia, é que, a despeito dos avanços registrados pelo país nos últimos anos, seus fundamentos econômicos ainda são frágeis. Na avaliação dos especialistas, o governo indiano necessita empreender uma ampla reforma do sistema educacional, para melhorar o nível dos trabalhadores que, futuramente, entrarão no mercado de trabalho.

A despeito de a Índia ser apontada como um centro de talentos na área de Tecnologia da Informação (TI), somente 25% das universidades locais têm condições de formar trabalhadores capacitados para exercer funções no setor de serviços, que têm sustentado o crescimento daquele país. "A falta de coordenação política para as reformas e a deficiência na infra-estrutura sugerem que o atual crescimento eco-

UM RETRATO DOS BRICs



População

Em milhões de pessoas

Brasil	189,3
Índia	1.128
China	1.320
Rússia	141,6

Evolução do PIB (Em %)

Anos	Brasil	Índia	China	Rússia
2000	4,3	5,3	8,4	10,0
2001	1,3	4,1	8,3	5,1
2002	2,7	4,3	9,1	4,7
2003	1,1	7,2	10,0	7,3
2004	5,7	8,0	10,1	7,2
2005	2,9	8,5	10,2	6,4
2006	3,7	8,3	10,7	6,5
2007(*)	4,0	7,3	10,0	6,5

(*) Estimativas

PIB per capita (Em US\$)

Anos	Brasil	Índia	China	Rússia
2000	3.512	459	945	1.775
2001	2.936	460	1.038	2.111
2002	2.611	471	1.131	2.382
2003	2.824	540	1.269	2.991
2004	3.325	615	1.486	4.104
2005	4.319	705	1.708	5.348
2006 (**)	5.176	769	1.943	6.860
2007 (**)	5.518	826	2.273	8.183

(**) Números sujeitos à revisão, especialmente os do Brasil, devido às recentes mudanças no cálculo do PIB
Fonte: FMI

nômico da Índia — em torno de 8% ao ano — pode não se sustentar no futuro", alerta a Eurasia.

No caso da China, mesmo com o desempenho espetacular de sua economia nos últimos anos, com crescimento médio anual de 10%, os desafios a serem enfrentados são maiores do que os colocados para Brasil e Índia, destacam os analistas da consultoria. A China é extremamente dependente de matérias-primas e alimentos, o que exigirá contratos seguros de fornecimento de longo prazo. Essas matérias-primas estão, principalmente, na América Latina e na África, regiões com riscos que o Partido Comunista Chinês (PCC) não está suficientemente preparado para lidar. O maior desafio chinês, contudo, será a abertura de suas fronteiras para idéias, in-

formação, fluxo de dinheiro e de serviços na velocidade que a globalização exige. O Estado ainda é o grande senhor da economia.

A Eurasia ressalta que o atual processo de crescimento da China já escancarou seu lado negativo: destruição acelerada do meio ambiente, concentração de riqueza e forte migração do campo para áreas urbanas despreparadas para absorver tamanho fluxo de pessoas. A China terá de encarar ainda uma população idosa crescente e carente de um sistema previdenciário consistente. Somente para mudar o atual sistema para uma estrutura mais eficiente, incorporando a população rural, o governo chinês terá de gastar pelo menos US\$ 100 bilhões segundo os cálculos do Fundo Monetário Internacional. Até

2020, a China terá 265 milhões de pessoas com mais de 65 anos.

Para a Eurasia Group, entre os BRICs, a Rússia merece uma análise a parte. A economia russa está muito concentrada na produção de energia, particularmente petróleo. O problema é que, mesmo respondendo por 20% do PIB da Rússia, o setor emprega apenas 1% da mão-de-obra do país. A falta de dinamismo da economia russa é tamanha que as pequenas e médias empresas, tradicionais empreendedoras, representam apenas 13% do PIB. A situação se agrava porque os investidores que poderiam bancar a diversificação e a expansão da economia se sentem desconfortáveis com a segurança política do país.

Segundo a consultoria, quan-

do assumiu o poder pela primeira vez, em 2000, o presidente Vladimir Putin assegurou que sua administração seria marcada pela consolidação do sistema democrático, pela transparência, por leis consistentes e pela abertura de mercados. Sete anos depois, praticamente nada avançou. Houve, inclusive, retrocessos sérios nos direitos democráticos. Quando criou o termo BRICs, o Goldman Sachs ressaltou que, para que o crescimento de longo prazo se consolidasse e os quatro países fossem alçados a categoria de potências, seria preciso manter políticas e instituições sólidas. A Rússia ainda está longe de se adequar a esse figurino.

O REPÓRTER VIAJOU A CONVITE DO IEL